

1873 ✓
CASTRO ALVES ✓

ARTIGOS PUBLICADOS

NA

« REFORMA »

POR

JOAQUIM NABUCO ✓

RIO DE JANEIRO

Typographia da—REFORMA—rua do Ouvidor n. 148

—
1873



275
1949



59953 RA.
1949

118
0-9-9/18

CASTRO ALVES

I (*)

Desde muito tive eu a idéa de escrever algumas paginas sobre um poeta que conheci de perto, não digo intimamente porque si penetrei sua alma não foi que elle m'a descobrisse. Morto na primeira flôr dos annos, Castro Alves não poudo fazer-se conhecido do paiz como sem duvida o seu talento merecia, e, salvo no juizo de seus amigos e collegas, não lhe deixou a morte tomar o lugar a que tinha direito. E' porém dever dos que o conheceram informar o paiz sobre o verdadeiro merecimento de um moço que já não pôde apregoal-o por si nem fazer apregoal-o, pois dorme o somno da morte. Para isso é preciso que deixemos de lado tanto as apolo-gias sem reservas de seus imitadores como a injusta prevenção que seus defeitos crearam contra elle em muitos espiritos. Eu que o conheci no mais bello periodo de sua carreira litteraria posso dizer que elle valia mais do que suas obras, que havia mais poesia no seu talento do que em seus versos, e que os que fazem d'elle um genio não se enganam mais do que os que não prestam attenção ás suas notaveis qualidades.

(*) « Reforma » de 20 de abril de 1873.

O melhor modo de firmar a reputação dos talentos legitimos é julgal-os com moderação. Ora, entre nós falta a critica, e, bem se póde dizel-o, de um modo absoluto. Cada livro de principiante é um acontecimento; cada metrificador vulgar é um Byron; cada personagem ou inverosimil ou commum de nossos romancistas é uma criação. Já começam os Raphaelis e os Rossinis a despontar em nossas artes, e cada legislatura nos traz uma dezena de Mira-beau. A essa homenagem sem limites que todos fazem a cada novo escriptor, orador ou artista, deve-se em grande parte a esterilidade de nosso tempo. Só o genio produz sem trabalhar porque só elle tem originalidade na idéa, espontaneidade na expressão. A regra (pois que os genios raros) a regra é trabalhar para produzir, e o primeiro effeito da lisonja litteraria é dispensar o trabalho. Desde que a recebe o espirito de timido torna-se ousado, a intelligencia converte-se em uma machina não de fabricar pensamentos mas de ligar palavras, e segundo a impulsão que se lhe dá faz ella romances, poemas, dramas e comedias, exacta mente como um tear que fizesse com uma só materia prima tecidos grosseiros como os de lã e finos como os de seda. Quem não póde attestar que a universalidade de certos espiritos mediocres é o resultado da condescendencia da critica? Achando o campo das lettras aberto e sem defesa, não é de admirar que elles o explorem em todos os sentidos.

Não me occupo porém n'este artigo d'esses que depois de fazerem da litteratura um terreno plano e lamacento correm n'elle á redeas soltas; com essa classe de espiritos *universaes*, tem-se o direito de não reconhecel-os em publico. Fallo sómente dos talentos verdadeiros que perdem com a lisonja e com a critica condescendente o sentimento de sua insufficiencia e contrahem os vicios do orgulho nas lettras, a saber—o desprezo das regras e o amor das innovações. Feliz o talento que não se embriaga de lisonja! Mas esse licór é tão suave servido em taças lavradas pelos primeiros do paiz que de cem que o houverem provado só um não sentirá as vertigens que elle produz.... e o que acontecerá á esse mesmo si elle despertar em torno de si um entusiasmo real e uma admiração sincera? Foi esse veneno que enervou em Castro Alves algumas de suas forças e que fel-o acreditar que se póde triumphar sem combater. Saudado no Recife e em S. Paulo como o eleito da

mocidade, posto em constante paralelo com o seu mestre Victor Hugo, acclamado quando se fazia ouvir, o joven estudante illudiu-se até acreditar que a gloria é a admiração dos moços e que a immortalidade ganha-se nas academias, nos theatros, onde quer que haja uma multidão sensivel ao effeito das imagens arrojadas e das palavras resonantes. Infelizmente quem escreve estas linhas concorreu muito para essa illusão do poeta.

Sempre que me foi dado offerecer-lhe uma occasião para conquistar applausos fil-o com prazer, porque me parecia que a unica felicidade de que lhe era dado gozar n'esse tempo era a dos triumphos do amor proprio. Esta phrase não deve parecer offensiva aos que a entenderem em seu verdadeiro sentido. Si nós tivéssemos hoje a ventura de o possuir sobre a terra, minha linguagem a seu respeito seria outra. Em 1870 mesmo escrevi um artigo sobre o livro *Espumas fluctuantes* que sem ser severo com o poeta era-o comtudo com os seus defeitos. As noticias que tive do infortunio de Castro Alves me impediram de publical-o, não querendo eu offender sua susceptibilidade, exagerada pela constante homenagem de seus admiradores e por longos mezes de penosos soffrimentos.

Si hoje deixando outros estudos vou dizer algumas palavras sobre o infeliz poeta é que fui tentado a fazel-o por outras do Sr. F. Octaviano. Na sua introducção á um livro do Sr. Rozendo Moniz comparando os autores das *Espumas Fluctuantes* e dos *Vãos Icartos*, o poeta fluminense diz do primeiro, em uma nota, que «elle foi um bello talento que se estragou pelo culto da antithese.» Essa nota despertou-me algumas das minhas antigas observações sobre o talento de Castro Alves e resolvi dando-lhes uma nova fórma entregal-as tambem á publicidade. Antes porém direi duas palavras sobre a nota do Sr. Octaviano. Ha n'ella como se devia naturalmente esperar em uma censura de critico tão indulgente uma parte de verdade. O illustre escriptor podia bem comparando os versos de Castro Alves aos de Homero, que ora traduz entre a impaciencia de seus futuros leitores, e pondo em confrontação o genio grego na madureza de suas forças e a inspiração que estreava em má escola de nosso joven poeta, pronunciar contra este um julga-

mento frio e severo. Esse direito porém não o tinha elle, julgando os nossos autores e seus livros com a extrema benevolencia com que o faz. Sem duvida Castro Alves está muito longe da linha d'esses creadores, como Dante e Shakspeare, aos quaes dá-se o nome de genios ; tambem não pôde elle figurar ao lado dos grandes poetas ; mas em nossa litteratura e entre os contemporaneos seu talento reclama um lugar de honra. Sem ter a harmonia fluente de Alvares de Azevedo, sem ter a doce melancolia de Casimiro de Abreu, nem a imaginação e a melodia de Varella, nem o rico colorido de Gonçalves Dias, o joven poeta deve ser collocado ao lado d'elles não só pela semelhança de seus talentos como pela de seus infortunios.

Ora, si se diz friamente do autor da *Tragedia no mar* que o culto da antithese estragou-o, não se poderá dizer, por exemplo, do autor dos *Vôos Icarios* que o culto da metrificacão vai estragando-o rapidamente ?

Ora, d'essas duas devoções a da rima é a menos elevada. Querer achar em tudo a antithese é impôr um duro dever ao espirito. Ha uma antithese, a das palavras, que é pueril e que é um vicio commum ; a outra, porém, é uma das mais fortes imagens da eloquencia.

Pôr o bem ao lado do mal, contrastar os extremos, oppôr ao crime o scenario em que elle se commette, elevar a alma pelo sentimento do infinito e humilha-a com a consciencia de sua limitação, em uma palavra pintar a natureza com suas contradicções apparentes das quaes resulta a sua harmonia real é digno do poeta, que não faz sinão copiar a obra de Deus. Quem amou mais a antithese do que Shakspeare, esse pintor da alma ? Não foi propriamente a antithese que estragou o talento de Castro Alves, antes foi ella que deu-lhe seus mais bellos movimentos ; a hyperbole, sim, a exaggeração da imagem e a gradação constante, quando em seu primeiro verso elle mesmo tinha-se imposto um limite, o que fazia-o passar do grandioso ao extravagante, como si subisse do bello ao sublime, a hyperbole fez á Castro Alves, como faz á seus imitadores, o grande mal de afogar os seus pensamentos mais felizes em ondas de expressões retumbantes, e o que é mais de quasi annullar concepções magnificas em imagens monstruosas e sem vida, das quaes-

mesmo quem conheceu todo o seu talento tem difficuldade em desprendel-as. Voltando porém ao «culto da antithese» e ao que chamei «culto da metrificacão», si o primeiro exige uma preocupação nobre do espirito, um esforço incessante e inventivo da imaginação, o segundo quer apenas esse trabalho mechanic de cortar as phrases em linhas e de acabar as linhas em consoantes.

E' por isso que os versos de Castro Alves são menos numerosos do que os do Sr. Rozendo Moniz, cuja propriedade litteraria já é maior que a de Gonzaga e Junqueira Freire. Para vêr-se igualmente quanto o culto da antithese exige um assumpto elevado veja-se que Castro Alves não canta outra cousa mais do que a liberdade e o amor, ao passo que a devoção da rima alimenta-se de qualquer idéa e tanto faz uma ode sobre a emancipação dos escravos como sobre a baixa do café. Havia mesmo em França um homem de merito que quando tinha pouco tempo para escrever escrevia em verso; era-lhe isso mais facil e entre nós parece que outros teem a mesma facilidade.

O illustre Sr. F. Octaviano, benevolo Mecenas dos *Vôos Icarrios*, si teve em parte razão ao dizer que a antithese estragou o talento de Castro Alves, porque é certo que a antithese das palavras, esse defeito que tanta sombra produz nos versos amaveis de Maciel Monteiro, foi muitas vezes uma preocupação do joven poeta bahiano, não foi muito equitativo parecendo em um paralelo rapido preferir ao poeta dos *Escravos* o autor dos *Cantos da Aurora*, dando mesmo a este uma physionomia litteraria que elle não tem. Talvez quizesse o Sr. Octaviano, dizer a verdade aos mortos e não desanimar os vivos, fallando de Castro Alves como posteridade, do Sr. Rozendo Moniz como amigo. O certo é que foram essas duas linhas que me fizeram polir de novo algumas paginas escriptas ha tres annos. Devo ao Sr. senador Octaviano a homenagem de contradizel-o quando não abraço suas opiniões litterarias, e com isso mostro quantas vezes tenho o prazer de seguil-as e o muito que ellas me merecem.

Faço-o com tanto mais confiança quanto é isso tambem o cumprimento de um dever para com o infeliz poeta bahiano. Para nós que o conhecemos, Castro Alves representa a independencia das lettras. Não quiz elle ser outra cousa no mundo sinão um poeta.

Amar e cantar—eis o ideal de sua mocidade, ideal com que morreu. Não conheci um moço mais despreocupado da realidade, mais alheio á ambição do que Castro Alves; sem duvida amava elle a gloria, e a admiração que despertava era o seu mais vivo prazer. Não sentia assim esse outra poeta, Casimiro de Abreu, que dava ao amor toda a sua inspiração e toda a sua alma, e que sabia bem que só se ama a gloria quando não se ama verdadeiramente :

A gloria é uma mulher, e tu bem sabes
Eu amo outra mulher !

Mas si Castro Alves tinha realmente sêde de nomeada e de applausos, não queria outra honra sinão essa. Ser um poeta glorioso tambem não ser nada mais—eis qual foi o seu sonho, e sonho que elle muitas vezes suppoz ser uma realidade. E' uma familia muito rara essa dos que fazem da poesia toda sua missão na terra para que não a honremos nos poucos que d'ella nos restam, como Varella, e nos que a morte nos arrebatava com uma violencia que se poderia bem chamar impiedade !

A primeira vez que vi o joven poeta lia elle diante de um pequeno mas entendido auditorio o seu drama—*Gonzaga*—produção de uma alma livre, mas sem proporções, sem arte, em cujo longo desenvolvimento não havia um instante de calma, e que parecia um monologo ardente distribuido por diferentes actores. O estylo agradou-me mediocrementemente e verifiquei depois que Castro Alves tinha tudo de poeta, nada de escriptor. As poucas linhas que elle escreveu como prologo do seu livro de versos mostram a um leitor perspicaz todos os defeitos de sua prosa, uma declamação incessante, umas contraposições de palavras com que elle parece confundir o colorido, a ausencia completa de sobriedade na imaginação como de naturalidade na linguagem. Quando, porém, o poeta chegou ao fim do drama que elle fechou com uns versos inspirados, as minhas impressões mudaram e eu mesmo li depois d'elle e para o auditorio que o pedia as estancias apaixonadas que elle poz na boca de Marilia.

Quem visse Castro Alves em um d'esses momentos em que se inebriava de applausos, vestido de preto para dar á physionomia um reflexo de tristeza, com a fronte contrahida como si o pensa-

mento a opprimisse, com os olhos que elle tinha profundos e luminosos fixos em um ponto do espaço, com os labios ligeiramente contrahidos de desdem ou descerrados por um sorriso de triumpho, reconheceria logo o homem que elle era : uma intelligencia aberta ás nobres idéas, um coração ferido que procurava esquecer-se na vertigem da gloria.

Vimo-nos durante um anno quasi dia por dia e nunca o vi dar um momento de attenção ás realidades da vida nem ás ambições da mocidade.

E' por isso que para nós que o conhecemos Castro Alves representa a dignidade e a independencia das lettras ; é em defesa d'ellas que eu fallo. As lettras podem ser um officio ou uma exploração ; mas nunca deixarão de ser um sacerdocio. Os aventureiros podem pizar o seu dominio, como os barbaros profanaram o solo sagrado dos antigos Mystérios ; é preciso porém que os espiritos escolhidos entretenham sempre em regiões inacessiveis á vulgaridade o culto da poesia e da sciencia, das lettras e artes. Si a invasão que ora se opera contaminar a grande maioria, si as delicadezas da expressão, si a linguagem facil e precisa, si a simplicidade da idéa, si a naturalidade da imagem, forem depreciadas pelo curso do estylo retumbante e vasio, das palavras vibrantes, das côres carregadas, ou da vulgaridade a mais baixa que já penetrou na poesia e do realismo o mais sensual e o mais grosseiro que já se apossou do theatro, o povo não achará mais nas lettras e nas artes o pão do espirito que ellas devem ser, nem a força do coração.

Só as lettras consolam de tudo, só ellas armam o homem de um supremo desdem contra a opinião da mediocridade, contra a calumnia dos invejosos ; só ellas dão á consciencia toda a iniciativa e a força que ella deve ter em nossa vida ; só ellas formam no espirito um como que sentido interno para gozar do bello, da natureza e da severa felicidade que dá a verdade á quem a descobre. Tomar pois cada um de nossos poetas e depois de tel-o estudado com criterio apontar o que se deve admirar e o que se deve censurar n'elle, é um serviço real que se presta ao paiz e á mocidade, porque nada é mais perigoso do que uma tradição acolhida

sem exame e seguida sem discernimento. Este trabalho que não tenho forças para fazer deve pertencer aos que se occupam de critica entre nós; quero somente dar uns apontamentos para a revisão que se fizer dos titulos de Castro Alves.

Em outro artigo direi francamente minha opinião sobre elle e talvez a moderação de minha linguagem sirva mais á sua fama do que as hyperboles em que seu nome tem sido elevado á uma altura que elle não pensou ter attingido mesmo nos momentos de suas mais audazes illusões sobre a immortalidade de sua memoria!

Castro Alves foi uma inspiração elevada e uma intelligencia nobre; seu maior titulo é o de ter posto seu talento ao serviço da causa da emancipação, da liberdade, e da patria. As suas mais felizes idéas, seus versos mais melodiosos foram-lhe inspirados pela sorte dos captivos. A idéa abolicionista foi a alma de seu melhor poema, infelizmente ainda inédito; mas Deus não lhe permittiu viver no dia em que a escravidão recebeu o primeiro golpe! Esse é um titulo serio á gratidão do paiz, e não sei que se possa apontar um melhor exemplo aos moços, que a gloria de Castro Alves seduz, do que o de seu infeliz companheiro empregando todo o seu talento e sua inspiração no serviço da redempção dos escravos.

Essa é a grande causa da mocidade e a melhor homenagem que ella pôde prestar á memoria do joven poeta é a de inspirar-se do mesmo sentimento que deu tanta eloquencia e tanto movimento ás *Vozes da Africa* e á *Tragedia no mar*. Nunca o poeta subiu tanto como n'esses dias em que abandonando a toada melancholica e o sceptico desespero dos René e dos Obermann apoderou-se resolutamente de uma grande idéa e deixou-se dominar por um forte sentimento. E' esse o merito que antes de qualquer outro eu queria attribuir ao poeta, para chamar em seu favor os corações generosos que não conhecem maior premio para 'o talento do que servir á liberdade e os que sabem que a musa que se torna o echo das desgraças imerecidas corôa-se duas vezes pela inspiração e pela caridade!

II (*)

E' preciso advertir ao leitor que infelizmente só possuímos de Castro Alves um livro chamado *Espumas Fluctuantes*, e que os seus melhores versos que elle pretendeu reunir em forma de poema e com o titulo *Os Escravos* estão ainda ineditos, sendo de receiar que com o tempo torne-se mais difficil imprimil-os. Foi o que aconteceu a Maciel Monteiro cujos versos correm esparsos, condemnados a desaparecer com as lembranças d'esta geração, si um homem de iniciativa não recolher a preciosa herança de um dos mais amaveis espiritos de nossa terra. Li em um jornal que um amigo dedicado vai imprimir as obras ineditas ou esparsas de Castro Alves; não póde elle mostrar-se na verdade mais digno da amizade do poeta do que prestando esse grande serviço á sua memoria.

Julgando pois o talento e a inspiração de Castro Alves pelo livro que elle publicou e por algumas poesias que vi impressas em jor naes litterarios de S. Paulo, faço-o com a reserva mental de rever

(*) « Reforma » de 24 de abril de 1873.

o meu juizo logo que fôr dado á publicidade tudo o que escreveu o poeta. Não creio que me engane nas principaes linhas do retrato, na apreciação de seus defeitos e de suas qualidades naturaes, na medida de seu estro ; mas como grande parte de minhas observações attinge os seus vicios adquiridos e ephemeros, os declives da escola, não posso pretender ter inteiramente razão sem conhecer a feição intima do poeta e a ultima maneira de seus versos.

E' certo que Castro Alves encobriu pouco, ou antes nada de sua alma aos leitores mais estranhos e mais indiff. rentes. Quanto elle sentiu, suas mais inexplicaveis illusões e seus desenganos, tudo elle confiou á um publico severo para com certas faltas mesmo da mocidade, e que não tem muita sympathia pelos que se deixam facilmente enganar para depois maldizerem o que adoraram com superstição.

E' realmente um facto estranho, que um moço de vinte e tres annos, com o futuro aberto diante de seu talento, conte a um publico alheio a si todos os seus segredos, aquelles mesmos que não contou ao seu mais intimo amigo, e que elle precisava de sepultar no esquecimento em vez de embalsamar em deliciosas estrophes. Que se cante o amor, que se doirem as illusões, que se eternisem os primeiros affectos, que se conserve sempre a mesma em versos que não mudam a mocidade que foge, é justo porque é uma fonte de consolação e de doce saudade que se faz correr para sempre na alma !

A desordem porem da vida, a confiança sem razão, as baixas decepções, as falsas idolatrias, as lembranças de certos erros, para que confial-as ao publico, quando mesmo ao poeta deviam ellas causar no fim de pouco tempo, não mais a indignação de que elle fez sua musa, mas um frio e sereno desdem?

Digo isto para mostrar que Castro Alves, nada tendo encoberto de sua alma, provavelmente não nos deixou poesias mais intimas, que ellé mesmo não destinasse á uma proxima publicidade. Digo-o tambem para denunciar o vicio de certos espiritos entre nós que tomaram com o publico uma familiaridade tão grande que tudo lhe communicam e que si teem segredos para um amigo não os teem para a multidão. Como essa tendencia differe do pudor de Lamartine desculpando com a necessidade de remir a collina e os

campos onde passou a infancia sob o olhar de sua mãe, a divulgação das suas *Confidencias* !

Entre nós não ha poeta que não as faça, e que não denuncie o que se devera para sempre calar, e isso sem terem que salvar os legados nem as reliquias da familia.

Desculpe-me o leitor essa divagação, mas é um defeito esse de quem faz uma critica, si posso chamar assim—impessoal —; perde-se de vista o individuo, sempre que se pôde dar caça a um vicio da escola.

A primeira observação que faz quem lê as *Espumas fluctuantes* é que na lyra do poeta falta uma corda, que tambem não possuem os poetas modernos, e sem excepção os de hoje: é a corda da paixão, da dôr profunda, da alegria verdadeira, e para dizer em uma palavra do—sentimento.

Quem mais parece possuil-a entre nós é Varella : mas leia-se essa magnifica poesia que elle escreveu sobre a morte de seu filho e que chamou *Cantico do Calvario*. Não ha uma composição mais unida e mais sustentada em uma mesma altura do que essa, que por si só faria a reputação do poeta e que está destinada a durar mais tempo do que o resto de suas obras ; mas não é ella um grito de dôr.

Nas primeiras linhas que escrevi para o publico, ha oito annos, dizia eu fallando d'essa composição estas palavras que peço permissão para citar : « Nada ahi se pode destacar : sentimos não poder copial-a inteira para fazer o leitor admirar o profundo sentimento que a dictou. » Esse juizo de um critico de dezeseis annos não é verdadeiro; não teve Varella um *profundo* sentimento ao escrever esses bellos versos ; a longa amplificação do principio, a abundancia das imagens que precipitam-se, quasi não succedem-se, a descripção da natureza e esse doce mysticismo com que a encerra, tudo prova que o poeta não escreveu com o *sangue de sua alma*. Não quero julgar aqui Varella; digo apenas que elle que sentiu mais do que todos tirou da imaginação, não da alma, as suas melhores inspirações.

Castro Alves não foi porém um poeta d'essa melancolia suave que parece substituir o forte sentir da poesia antiga e que tanta impressão produz nos versos de um Lamartine. Em vez

d'essa poesia que sahia das profundidades do ser humano e que se escrevia por assim dizer com os suspiros mais intimos do coração, a poesia de hoje é toda exterior, de imagens e de côres. Em honra de Castro Alves, e ainda mais em honra de Victor Hugo, seu mestre, deve-se comtudo dizer que muitas vezes cansada de explorar o dominio dos sentidos essa poesia fez um esforço sobre si mesma, poz-se do lado das grandes idéas, cantou a liberdade em toda a parte, cobriu de flores os seus esandartes e fez-se um hymno vivo.

Quero rapidamente mostrar que Castro Alves não escreveu com a alma e que não ha poeta mais artista do que elle. Quando digo «artista» não digo que elle tivesse o sentimento ou a intuição da arte; digo somente que se preocupava muito da fórmula, sem possuir os segredos d'ella. Poucos são os seus versos que se podem classificar n'essa ordem de versos sentimentaes, e n'esses mesmos si ha imaginação, não ha emoção ; si ha uma sensibilidade elegante e polida, não ha sentimento. Ha uma prova para a qual chamo a attenção dos admiradores do poeta ; é a que se tira de sua poesia *Quando eu morrer*.

Em uma nota diz d'ella o poeta : «Estes versos foram escriptos quando julgava o autor repousar em terra estranha. A febre e o soffrimento fizeram que elles ficassem truncados. Completal-os mais tarde seria de alguma sorte tirar-lhes o unico merito que por acaso teem.» Eis ahi uns versos que podem dizer-se vindos de além-tumulo, em que o autor mesmo não ousa tocar porque respeita n'elles a magestade da morte; deve-se sem duvida encontrar ahi uma d'essas notas agudas e supremas que o poeta ao render a vida solta como o cysne. Pois bem ; toda essa poesia é phantastica ; sabiu toda da imaginação, não ha n'ella uma lagrima ou um gemido.

O poeta começa dizendo que odia o mausoléu—esse *hotel funereo* ; escreve depois versos como estes :

« A cova n'um bocejo indifferente
Abre ao primeiro a boca libertina, »

e acaba comparando o cemiterio á uma náu, com seu *porão pro-*

fundo, seus emigrantes sombrios, sua mastreação e seu velame seguida das gaivotas e do santelmo. Si isso é dor, si isso é um canto de despedida á terra, aos amigos e á familia, ha pessoas que julgam a dor diversamente de todos. Não quero insistir n'essa apreciação; a poesia de Castro Alves é incapaz de exprimir um momento de melancolia ou uma doce scisma ou uma d'essas duvidas que fazem-nos pensar; nada d'isso. Elle que soffreu tanto e que tanto fallou de seus soffrimentos não nos pode communicar-os; faltava uma corda á sua lyra; a inspiração não lhe vinha da alma que sente mas do que pensa.

Não se deverá attribuir a essa imperfeição a dureza de seu verso? A melodia sahe do coração, na poesia como na musica.

Seja como fór, comprehenda-se como se comprehender o ideal da poesia, em meu sentir o poeta não é essa figura impassivel, esse trovador insensivel que só a idéa fascina e que só canta a idéa. Sua alma é feita de outra essencia; é um tecido divino de confianças e de desalentos, de prantos de sangue e de alegrias celestes, que a dôr dilacera e que a esperança renova. O genio sem paixão é o asceta da poesia, não é o poeta. Deixemos, porém, de parte esse lado da questão, e pois que a principal qualidade de Castro Alves é a imaginação, sigamol-a em seus vôos e seus arrebatamentos, depois em suas vertigens e suas quédas.

Cousa singular! A alma humana é organizada de tal modo que nenhuma faculdade é n'ella desnecessaria; é um mecanismo que se resente da falta da mais pequena de suas molas. E' assim que a imaginação que pensava não precisar do sentimento não se move bem sem elle; o talento da cor tem tambem suas raizes na alma. Castro Alves não teve o amor da natureza, e isso vê-se em suas pinturas. O que o poeta descobre n'ella é o que é irregular, tumultuoso, agudo e deslumbrante; nunca o que é placido, tranquillo, profundo e sereno.

A' quem o lê elle parece estar sempre n'essa posição imaginaria em que Fontenelle se suppoz um dia collocado, um pouco acima da terra e livre de sua attracção. D'esse ponto pôde o espectador nas vinte e quatro horas em que o planeta volve em torno de seu eixo ver os quadros cambiantes da criação

passando em uma carreira vertiginosa, os lagos depois das montanhas, os areas da Africa e a vegetação americana.

Sempre que compõe seus versos faz o poeta essa viagem etherea que elle mesmo descreveu assim :

E fui... e fui... ergui-me no infinito,
Lá onde o vôo da aguia não se eleva...
Abaixo via a terra—abysmo em treva !
Acima o firmamento—abysmo em luz.

Vôo de Castro
III 15-8

A posição não é astronomicamente a mesma, porque não sei em que ponto do espaço a terra parece uma mancha negra em céu estrellado, mas ella produz a mesma vertigem de que fallo. O que fez Castro Alves perder assim o sentimento do bello na natureza foi a idéa da infinidade, a falsa comprehensão do grandioso, o desejo constante de attingir e de esgotar o sublime em todas as estrophes de cada uma de suas poesias.

Basta ver-se o uso que faz o poeta da palavra—infinito—para reconhecer-se que era elle sua idéa fixa ; esse abuso o conduz ás vezes a extravagancias da ordem d'esta :

N'este lençol tão largo, tão extenso
Como um pedaço roto do infinito!

Ora um espirito de posse d'essa noção, ou já que elle não a possuiu, dominado do desejo de elevar tudo ás proporções da infinidade, não faz outra cousa sinão crear em seus versos uma natureza impossivel, seres sem vida, imagens monstruosas, emfim, um universo em delirio. Um dos menores inconvenientes para quem desce n'esse rapido declive é o de trocar a especie pelo genero e não usar de outro grão sinão o superlativo.

Para Castro Alves o que é feio é horrivel, o que é grande é enorme, o que é pequeno é nullo, o atomo é o corpo, o espaço é o infinito, a duração é a eternidade. Foi por isso que elle não viu a natureza pelo prisma de nossas illusões que dão tanta alegria aos sitios em que amamos e tanta tristeza ao que nos viram soffrer. O seu *infinito* é o horisonte azul sem limites, com o que ha de mais vibrante no som, os uivos das feras, o

trovão, as vozes do mar; com o que ha de mais vivo na luz, o sol, as crateras, as auroras e os relampagos; com o que ha de mais estupendo no movimento, as erupções, os temporaes e as cataractas! Esse é o fundo constante e predilecto dos quadros do poeta; si a criação perdida um dia fosse recomposta, segundo os seus versos, por um artista divino, seria uma criação cahotica, gigantesca, destinada á uma subita destruição. Ora, o que ainda é notavel é a ingenuidade do poeta que suppõe com suas rimas fulminantes fazer um concerto com as desharmonias selvas que descobre na natureza. A imaginação não pôde crear seres, nem conceber o bello fóra das condições restrictas e das fórmulas determinadas que a vida affectou dentro de nosso planeta. Querer abranger o infinito é uma temeridade que se perdoa á metaphysica allemã; querer dar-lhe uma fórmula, isto é, limital-o, —é um paradoxo em poesia como em religião.

Pôde-se estudar a theologia de Homero e de Virgilio não julgo preciso estudar a philosophia de um poeta tão ligeiro como Castro Alves; mas foi a idéa da infinidade, de que elle fez o seu ideal de poeta, que causou a maior parte de seus defeitos, alguns dos quaes não pôdem censurar-se severamente demais.

Si a imaginação não crea seres nem typos, descobre as suas relações e fórmula por assim dizer á semelhança do mundo novos mundos. Ora a antithese é um elemento logico da constituição do universo, e como tal pôde supprir com sua variedade a imaginação mais avida. Na flôr mais fragil como no mundo mais vasto descobre-se a contradicção apparente da qual sahe a harmonia, as forças oppostas das quaes resulta o equilibrio. O que é verdade do mundo ainda o é mais da alma; a duvida e a decisão, a fé e o scepticismo, o amor e o odio, taes são os polos oppostos entre os quaes fluctua o homem; a vida está entre o berço e o tumulo, entre o nada e a eternidade. Não se diria que a contradicção é a lei da natureza physica como da moral si a ordem não sahisse do seio d'essa confusão apparente. como a luz sahe do fumo? Cantar pois a natureza como ella foi produzida e para isso socorrer-se á essa antithese sem a qual ella não existiria—eis o que não é indigno do poeta.

Mas um dos erros de Castro Alves foi querer achar a antithese *infinita* das cousas e das idéas, como si isso não fosse um impos-

sível, e como si o abysmo que separa o infinito do finito não fosse um abysmo insondavel, impenetravel e eterno. O que isso determinou em sua poesia foram defeitos inexplicaveis. O outro vicio que o emprego da antithese exagerada produziu foi uma desproporção entre os termos da phrase que muitas vezes é grotesca. Vou dar de tudo que avancei uma prova tirada do livro *Espumas fluctuantes*. Eis um exemplo d'esta ultima exaggeração.

O poeta falla da liberdade.

« *Esposa do porvir, noiva do sol,*

diz-lhe :

Tu que erguias, subida na pyramide,
Formada pelos mortos do Cabrito,
Um pedaço de gladio—no infinito...
Um trapo de bandeira—na amplidão.

Já V. Hugo nos tinha fallado d'esses—farrapos de bandeira—, mas não os tinha despregado no mesmo pedestal nem em face ao infinito; engana-se comtudo quem supoe que os ossos mesmo em montão não se destacam no chão das planicies em que alvejam, porque o poeta já nos tinha dito no principio de seu livro e em outros versos

Que essas brancas ossadas
São columnas arrojadas
Dos firmamentos azues.

Como exemplo de um esforço desproporcional para o individuo que o tenta e d'essa especie de antithese que eu mostrei ser inspirada pelo ideal da infinidade, leam-se estes versos :

Porém o que tactêa aquella augusta mão?
Talvez busca pegar o soi que lento expira?
Fado cruel ! mentira ! Homero pede pão!

O pão posto em opposição ao sol, o que indica a miseria em frente da gloria, não avulta tanto n'esses versos como a antithese da mão do cego com o astro que ella quer alcançar; e para obter esse effeito que é deploravel o poeta não vê difficuldades em seu caminho.

Nos seus versos mais inspirados Castro Alves de repente

lembra-se de seu ideal e estraga sua inspiração. Um defeito que elle ia adquirindo era o de representar por imagens e de personificar em vultos historicos as noções do entendimento e as idéas abstractas. Póde-se fazel-o ; sómente o bom gosto diz até que ponto isso é permittido. E' assim que em uma poesia intitlada—*O phantasma e a canção*—e que sem ser uma idéa original é uma de suas melhores composições, elle nos dá diferentes exemplos d'essa imagem.

Eis o primeiro :

O sec'lo—traça que medra
Nos livros feitos de pedra—

o effeito que o poeta quiz alcançar não é digno d'elle, mas não se póde condemnar a idéa,

Eis o segundo :

O tempo—Atila terrivel
Quebra com a pata invisivel
Sarcophago e capitel.

Ahi deixou o poeta de dizer «a pata do cavallo», á menos que quizesse infligir a Atila uma degradação historica, sendo n'esse caso amavel demais a palavra—invisivel.

Eis porem o terceiro, e para esse não ha justificação possivel :

O motim — *Nero profano*
No *ventre* da cova insano
Mergulha os dedos crueis!!

.....

Não quero insistir mais sobre os defeitos de Castro Alves ; direi somente que seu verso não é melodioso sinão excepcionalmente; que muitas vezes não se sabe o que elle quiz dizer, como n'esta estrophe :

Riachuelo e Cabrito
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puchando os carros doirados
Dos meteoros largados
Sobre a noite das nações.

Não posso também esquecer suas contraposições de palavras que produzem uma impressão desagradavel em um ouvido fino, nem o modo por que elle exprime com certa solemnidade uma idéa vulgar como esta :

Como que Deus baixa á terra
Sem *mesmo* descer dos céos ;

nem a seriedade com que em uma ode, aliás elevada, aos jesuitas *do seculo XVIII* (foi talvez o melhor seculo para elles porque foi o que os extinguiu !) falla do *pó da catechese*, da *palmeira* — *Deus*, chama-os com uncção

Os *Vandalos* sublimes do Cordeiro
Os *Atilas* da fé...

até que de gradação em gradação chega á dar-lhes esse honroso titulo de *matilha* de Deus. E' um modo muito singular de fazer um elogio, e no emtanto essa ode é um hymno ardente á esses padres que elle chama com eloquencia — os *Piagas do amor* — e dos quaes diz em uma estrophe inspirada :

« Eram elles que o verbo do Messias
Plégavam desde o valle ás serranias
Do polo ao Equador....
E o Niagara ia contar aos mares....
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor !

Possam esses versos reconciliar o leitor com o poeta ; si accusei com tanta severidade as suas faltas foi para melhor desprender d'ellas o grande brilho de seu talento. E' o que farei no ultimo artigo com orgulho de amigo e de brasileiro.

III (*)

Quem leu o segundo artigo viu que muitas de minhas censuras referiam-se mais á escola do que á inspiração do poeta. E' um facto incontestavel que a exageração da imagem é o vicio de todos os que seguem a tradição de V. Hugo. Não podendo imital-o em suas incomparaveis qualidades, copiam com desvanecimento os seus defeitos. Castro Alves, porém, não é d'esses ultimos que não são poucos em nossas letras. Como V. Hugó elle tem a phrase concisa e scintillante, o vóo elevado, o culto da idéa, a exposição dramatica, e a antithese fecunda ; tendo suas qualidades não é de admirar que tenha os seus defeitos, ainda que não devesse excedel-o n'estes sendo-lhe inferior n'aquellas. E' um declive fatal, um despeñhadeiro certo ; e não sei porque de ordinario se preferem as nebulosidades d'essa escola aos logares communs rimados dos que tentam imitar Lamartine , sem possuir a melodia e a vaga tristeza que deu á sua poesia um encanto unico em nosso tempo.

E' certo porém que os que andam a quebrar-nos a cabeça com

(*) « Reforma » de 27 de abril de 1873.

os *infinitos* são mais sympathicos do que os que escrevem suas dores profundas em recitativos ornados de musica; a excentricidade é para certos espiritos mais facil de supportar do que a vulgaridade.

Em defesa de alguns versos que o joven poeta bahiano escreveu e que são menos dignos d'elle vou contar a historia de sua composição. Nos dias solemnes em que devia haver representação official, Castro Alves, que era muito dado ás cousas do theatro, preparava de manhã uns versos para recitar á noite. Quem conheceu a mocidade de S. Paulo sabe como ella se deixa dominar por uma palavra eloquente e como é prodiga de demonstrações com os seus poetas laureados; Castro Alves gosava d'essa honra e sempre que se apresentava para fallar á frente do camarote fazia-se um profundo silencio, que denunciava que todos estavam promptos para romper em uma aclamação á primeira imagem do poeta.

Ora elle era impaciente e queria ser saudado logo ás primeiras palavras; para isso começava sempre seus versos por uma d'essas figuras arrojadas, que elle mesmo chamava—bomba—e cujo effeito era seguro: os espiritos inflammavam-se logo e havia uma explosão de applausos. O dia 2 de julho, a data nacional da Bahia, tinha o privilegio de inspirar ao poeta d'essas odes de occasião que não deviam figurar em seu livro. Eis, para mostrar o modo porque a necessidade de ser applaudido sem demora fazia o começar seus versos de theatro, o principio de duas poesias recitadas no anniversario da independencia de sua provincia. Assim começa uma:

E' a hora das epopéas,
Das Iliadas reaes.
Ruge o vento do passado
Pelos mares sepulchraes.
E' a hora em que a Eternidade
Dialoga a Immortalidade!

Tudo isso não quer dizer nada, mas essas palavras retumbantes e ócas, esses mysterios de além tumulo, tudo declamado com uma voz que parecia sahir das profundidades da alma, produziam logo o effeito previsto. A outra que ouvi recitar no theatro de S. José entre o delirio geral principiava com mais moderação:

« Era no dous de julho. A pugna immensa
Travára-se nos serros da Bahia...
O anjo da morte pallido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.

Não cito esses versos sinão para mostrar que muitas vezes Castro Alves escrevia para ser applaudido, e que tendo nos primeiros versos subido o mais alto que sua imaginação lhe permittia fazia depois inuteis esforços para exceder-se, o que determinou essas faltas todas que já denunciei. Aprendam pois os que imitam Castro Alves, tendo menos talento do que elle, que o senso commum é tão necessario nas lettras como na vida, ao poeta como ao homem.

Não quero porém julgar Castro Alves pelos seus máos versos, pelos versos de occasião que elle escreveu para deslumbrar e tomar de sorpresa o publico das platéas. Si se julgassem os poetas pela generalidade de suas obras e não pelos momentos em que elles possuiram a inspiração verdadeira, á quem poderia agradar o sentimentalismo pueril de Casimiro de Abreu, a vulgaridade de Gonçalves Dias, a philosophia rimada de Magalhães, as monotonas cantilenas de Junqueira Freire, a imitação servil que fez Alvares de Azevedo do tom libertino de Musset, a incuria, os plagios de Varella? Paramim bem poucas são as poesias que me dão um prazer real nos livros de todos esses autores, e por ellas eu os julgo, porque um grande poeta pode ser muitas vezes mediocre, mas um homem mediocre não pode elevar-se uma só vez á altura de um grande poeta. O mesmo, que faço com os outros, farei com Castro Alves, t mando duas ou tres poesias suas em que se revele toda a opulencia de seu talento.

Como disse no primeiro artigo, a maior gloria do joven poeta é a de ter posto sua inspiração ao serviço da liberdade e, em particular, da emancipação dos escravos. Sempre que elle fez d'esse sentimento sua musa elevou-se muito alto e adquiriu uma força de idéa e de expressão de que não ha muitos exemplos entre nós. O *Navio negreiro* é a descripção, é a denuncia perante a historia de uma scena d'esse barbaro commercio dos negros; é a

dansa nocturna a que os marinheiros forçavam os infelizes escravos amontoados em um pequeno brigue e destinados a serem lançados ao mar si despontasse no horizonte a vela do cruzeiro inglez! Para conhecer-se a *maneira* do poeta, veja-se que elle começa por uma esplendida descripção do scenario e das alegrias da navegação para chegar ao crime horrivel que se perpetrava, alli diante de Deus, na vastidão do mar. E' essa a antithese fecunda, que mostra a elevação constante de seu estro: foi para fugir do vulgar que muitas vezes elle perdeu-se no incomprehensivel. Talento dramatico elle poz sempre a vida com suas luctas diante do leitor. Eis como elle nos pinta, no portico de sua poesia, o mar sem limites:

« 'Stamos em pleno mar.... Doudo no espaço
Brinca o luar—dourada borboleta—
E as vagas após elle correm.... cançam
Como turba de infantes inquieta.

« 'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espuma de ouro....
O mar em troca accende as ardentias—
Constellações do liquido thesouro.

« 'Stamos em pleno mar.... Dous infinitos
Alli se estreitam n'um abraço insano....
Azues, dourados, placidos, sublimes . .
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?

E'ahi n'esse immenso scenario que se passa o primeiro acto da « *Tragedia no mar* ».

Não se pôde descrever com mais indignação essa dansa forçada; mas isso não nos dá tão boa prova da alma do poeta como a piedade profunda que a condição dos negros africanos lhe inspirava. Não se pôde dar mais dignidade a esses infelizes do que pintando-os assim:

« São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vóa em campo aberto
A tribu dos homens nus...
São os guerreiros ousados

Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão....
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje miseros escravos
Sem luz, sem ar, sem razão !
Hontem a Serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O somno dormido á tã
Sob a tenda da amplidão !
Hoje o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo
Tendo a peste por jaguar....
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado
E o baque de um corpo ao mar ! »

Quem lê esses versos vê que Castro Alves sentiu realmente ao escrevel-os ; elle que não podia exprimir seus proprios soffrimentos, commove-nos com os dos outros e dá a expressão mais angustiosa e mais eloquente que já se deu entre nós ás desgraças do captiveiro. Com que amor elle saúda a nossa gloriosa bandeira :

Auri-verde pendão de minha terra
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança....

para logo depois vendo a desdobrada no mastro d'esse infame navio que sulca os mares da America exclamar em uma evocação magnifica :

« Andrada, arranca este pendão dos ares,
« Colombo, fecha a porta de teus mares.

A poesia de Castro Alves póle se chamar — movimento ; aquella inspiração nunca está calma, sente-se n'ella o turbilhão.

E' isso que dar-lhe-ia um logar eminente nas nossas lettras si elle tivesse vivido mais tempo.

Nenhum de nossos poetas teve o talento tão dramático como elle, nenhum teve tanta vida em seus versos ; que elle desenvolvesse melhor do que todos essa supremacia de sua inspiração é o que não me atrevo a dizer, mas estou certo de que a possuiu. Não fallo dos autores das «Primaveras», das «Inspirações do Claustro», da «Lyra dos vinte annos», d'esses livros produzidos pelas esperanças e pelas decepções do amor e da vida.

Fallo de peetas mesmo mais impessoaes do que esses, de Gonçalves Dias, por exemplo, cuja poesia individual, tirada de seus proprios sentimentos, é sem valor comparada á sua poesia americana e historica, ao Y-Juca-Pirama e ás celebres «Sextilhas ». Castro Alves teve o dom de engrandecer os assumptos em que tocou, e não sei si tive razão em censurar os effeitos d'essa tendencia a introduzir a infinidade em seus versos quando foi ella que manteve o seu talento em regiões sempre elevadas.

Era realmente precioso esse sentimento que lhe dava da pequenez de nosso planeta no ether sem limites povoado de milhões de astros uma comprehensão tal como elle mostrou possuir n'esta deliciosa imagem :

E a Terra é como o insecto friorento
Dentro da flôr azul do firmamento
Cujó calix pendeu !

O poeta precisa de olhar em frente a immensidade ; o universo é a mais ampla fonte da poesia e a que sahe d'elle é a que mais se póde chamar divina !

Sem duvida era um talento dramático esse que dava uma personificação á Africa e que depois de tel-a figurado como um novo Prometheu amarrado ao deserto—com a *cadea da terra de Suez* para prendel-a ao velho continente, embuçada no *branco albornoz* das arêas do Sahara , dava -lhe por linguagem essas estrophes ardentes que elle chamou—*Vozes da Africa*. Que eloquente invocação ao Deus que a esqueceu durante seculos :

Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrella tu te escondes
Embuçado nos céus ?

Ha' dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito.
Onde estás, Senhor Deus ?...

Sim, o poeta tinha realmente vida e movimento em seus versos e foi por ter sido a antithese muito fecunda para elle que contestei as palavras do Sr. F. Octaviano.

E' desses movimentos inesperados que está cheio o seu livro. A apparição por exemplo do missionario na taba dos indigenas é de um bello effeito... sentia-se « um pé estranho » resoar na folhagem, a tribu lançava-se das redes com os arcos recurvados, todos os olhares fixos esperavam o jaguar...

Surgia então no meio do terreiro
O padre calmo, santo, sobranceiro,
O *Piaga* do amor !

Castro Alves era na extensão da palavra um poeta. Ha sem duvida almas mais poeticas do que a sua; si vivesse muitos annos ainda, elle não escreveria nunca uma das melhores paginas dos «Canções e Phantasias». Não se póde, porém, exigir que todas as inspirações sejam da mesma natureza. A inspiração de Castro Alves vinha-lhe da idéa; era — *a idéa* — que fazia d'elle o seu instrumento, que o agitava, que fazia bater seu coração, que o creava poeta.

O que cantou elle? Cantou a liberdade e o amor, mas si elle conheceu bem a liberdade, não sentiu o amor. Em seus versos a mulher é sempre a amante, tratada ora com sensualidade, ora com desprezo, e ainda assim não sei o que seja mais perigoso, si esse amor sem ideal si o amor *puro* de certos poetas nossos.

A moral de Castro Alves não é sem duvida perfeita, mas o que dizer da moral não dos versos libertinos, mas dos versos platonicos de Alvares de Azevedo? Não ha comparação entre ellas; si se perdessem algumas poesias do poeta bahiano em que elle cantou suas tristes e imperdoaveis illusões, o seu livro seria um livro puro; mas a «Lyra dos vinte annos», os livros do poeta fluminense? E no entanto não devera ser assim, porque um cantou sua vida, e o outro quiz apenas fazer-se um heróe de Byron, sem se lembrar de que a poesia do inimitavel autor de *Childe Harold* era escripta com suas lagrimas e seu sangue, e que elle sabia bem o que lhe custava cada blasphemia!

As melhores poesias de Castro Alves são pois as que elle escreveu possuido do « fogo sagrado » da idéa ; para ver-se isso lêa-se o seu poema — *Os escravos*.

Ha duas composições suas de que eu quero fallar com mais espaço, *Pedro Ivo* e o *Seculo*. O assumpto de *Pedro Ivo* fora antes tratado por Alvares de Azevedo e deulhe a sua mais eloquente poesia. Quem lê a do poeta bahiano não pôde talvez julgal-a bem á uma primeira leitura. As oitavas que elle poz na bocca de Pedro Ivo são más ; a figura porém é gigantesca, e a legenda, si a poesia conseguir creal-a, a legenda do bravo pernambucano sahirá d'essas estrophes. Isso prova a distancia que vai da *maneira* de Castro Alves á de Azevedo: a poesia d'este é elevada, calma e eloquente ; é uma supplica digna de um povo ! a d'aquelle é a apothéose ruidosa, é a sombra que passa e que deixa na imaginação um mysterioso pavor. E' realmente de uma grande estatura esse vulto do qual diz o poeta :

« Cabellos esparsoz ao sopro dos ventos,
Olhar desvairado, sinistro e fatal,
Dirieis estatua roçando nas nuvens
P'ra a qual a montanha se fez pedestal !

Que bella poesia não seria essa si o poeta não tivesse feito fallar a esse vulto sombrio uma linguagem tão desconnexa e tão confusa !

O *Seculo* é a synthese das aspirações liberaes de Castro Alves. Dizem que elle era republicano ; eu creio que o era no coração, mas sei que o seu partido não era esse, por que vivi com elle, e escrevemos juntos ; o laço politico que nos ligava na imprensa, nas associações, nas manifestações publicas, era o do partido liberal. A esse partido elle pertenceu até a ultima vez que o vi. Estava então elle em um leito de dôr, do qual devia levantar-se com o desespero na alma para morrer depois de novas e rapidas illusões. A idéa republicana porém o deslumbrava, e sem perguntar a si mesmo si convinha realisal-a no momento, elle a saudava com enthusiasmo. E' assim que vamos encontral-a em uma estrophe celebre nas duas academias, na qual elle quiz resumir suas idéas e traçar o Evangelho da mocidade. Nada me lembra tanto o poeta como essa decima querida d'elle entre todas :

« Quebre-se o sceptro do papa
Faça se d'elle uma cruz!
A purpura sirva ao povo
Para cobrir-lhe os hombros nús!
Que ao grito do Niagára
Sem escravos Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóes!
Banhem-se em luz os prostibulos,
E das lascas dos patibulos
Faça-se estatua aos heróes!

Altiva estrophe na verdade, em que o poder temporal da igreja, a miseria das classes inferiores, a escravidão, a prostituição e o cadafalso politico eram condemnados ao mesmo tempo, e que o poeta lançava á mocidade como a formula de sua missão na America!

Moços! do alto dos Andes,
Pyramides vastas, grandes,
Vos contemplam seculos mil!

Inspiração ardente, possuindo o segredo do movimento e da acção no verso; talento transportado pelas nobres idéas, pairando sempre em regiões elevadas e odiando a vulgaridade, Castro Alves remiu por grandes qualidades seus grandes defeitos. O que a mocidade deve imitar n'elle não é o « culto da hyperbole »; é sim, a elevação constante de seu pensamento, a concisão nervosa de sua estrophe, o seu amor á liberdade e, os que podem alcançar tão alto! a força de sua inspiração.

Tal foi em suas quedas e seus vôos esse singular talento feito de luz e de sombra, de forças e de fraquezas, que precisa de um exame severo para ser bem julgado. Não penso conhecê-lo inteiramente á ponto de poder explicar as contradicções apparentes de sua natureza; conheci-o porem bastante para saber quão longe elle está tanto dos que o imitam como os que o desprezam.

Nenhum talento desapareceu d'entre nós com tantas promessas! O que elle foi, dil-o o vacuo que deixou no seio da nova geração—vacuo duas vezes doloroso porque ainda vive Varella! Quanto á mim foi preciso ter realmente plena convicção de eu grande merito para dizer a verdade ao seu tumulo.